

RECENSÃO / BOOK REVIEW

Souta, Luís (2019). *Pedagogia S. Lisboa: Edições ex-Libris*

Ricardo Vieira*

* Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais, Pólo de Leiria (CICS.NOVA.IPLeiria), Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria (ESECS-IPLeiria), Leiria, Portugal.

No dia 19 de junho de 2019 tive o prazer de fazer a apresentação do livro *Pedagogia S.* de Luís Souta, em Lisboa, na Livraria Ferin. A apresentação contou, para além do editor da ExLibris, com as intervenções dos colegas Carlos Cardoso e José Catarino, e do próprio autor, todos especialistas em Educação. Da oralidade à escrita, sem perder o essencial da primeira, que foi a que usei *in loco*, resolvi publicar as ideias que li e produzi na interação com mais este livro do amigo e companheiro da antropologia da educação, Luís Souta. Creio que o papel de quem apresenta um livro, e mesmo de quem faz uma recensão do mesmo, é, em primeiro lugar, o de criar apetência para a sua compra e leitura. E, quem sabe, para uma discussão mais alargada, o que aconteceu na Livraria Ferin e acontecerá, creio, com os seus leitores, de forma alargada, ou mesmo cada um consigo mesmo, futuramente. Trata-se, do meu ponto de vista, de um livro biográfico, especificamente autobiográfico, de compreensão de nós e dos outros, um livro de antropologia da educação, de pedagogia social (*Pedagogia S.* – a Pedagogia

que pode remeter para a Pedagogia de Souta, mas, também, para a Pedagogia Social no seu todo, ou mesmo, para uma Pedagogia Sócrática). Um livro que incorpora uma boa parte da história de vida do Professor Luís Souta, entre a entrada e a saída da escola XPTO que afinal subsidiava, com 500 euros, a publicação de um livro ou de um artigo, embora não sendo a mesma coisa, nem do ponto de vista científico, nem do ponto de vista do investimento de um autor, mas que, afinal, penalizou este, provavelmente por ser produto de uma escola de sujeitos, do livre exercício de cidadania e não da escola do *yes (wo)men* (Souta, 2019, p. 207).

Trata-se de um livro maduro, ao jeito de outros escritos do Luís, feito passo a passo, de acordo com problemáticas que, tantas vezes, a comunicação aborda (ou não) superficialmente, contribuindo, dessa forma, muito pouco para a (trans)formação sociopedagógica. Muitos temas o livro inclui e explora. Muitas reflexões. Muitas viagens: físicas e intelectuais nos conta este livro, desembocando, quase sempre, num olhar refle-

Email: ricardo.vieira@ipleiria.pt

xivo e crítico da escola. Da escola em geral, também. Um livro que exercita bem um olhar de fronteira, de quem está bem dentro para observar e (com)viver com o mundo da escola XPTO e de outras muitas, entre o domínio mais local e o mais global, e de quem consegue estar fora, através de um distanciamento intelectual, para objetivar o vivido. Uma escrita de mediação entre o estar dentro e o estar fora, é o que Luís Souta chama de “investigar em casa própria”, recordando o antropólogo Jorge Dias quando, vindo de África, se dedicou ao estudo do comunitarismo agro-pastoril em Rio de Onor e em Vilarinho das Furnas, tendo falado do regresso a casa (regresso da antropologia ao estudo das sociedades donde saíra o antropólogo ocidental).

Quanto ao livro, o índice é detalhado e dá-nos uma primeira imagem dos distintos e, ao mesmo tempo, cruzados temas de análise.

O prefácio, de Agostinho Reis Monteiro, faz-nos o primeiro resumo da obra, sistematizando bem quer a mensagem, quer o perfil identitário do Professor Luís Souta, quer o seu posicionamento crítico face a “*power points*”, “praxes académicas”, “*papers*” e “congressos”, bem como a sua defesa da mobilidade estudantil e professoral potenciada pelo Erasmus e outras viagens diárias, semanais ou periódicas.

Não é possível dizer muito, porque seria dizer pouco, em tão pouco tempo e espaço, sobre um livro que, embora pequeno, é grande no alcance de diversos públicos e que pode ser lido da frente para trás, de trás para a frente, como uma história quotidiana diária, ou de um só fôlego, como foi o que o que fiz, de início. Ainda que levemente, comecemos pelo fim: “o charco não gosta que lhe mandem pedras” (p. 207). Efetivamente, depois o cheiro fica desagradável... A mudança não é processo fácil. Bem pelo contrário, como sabemos. Mas alguns acreditam nela e vão avançando pela reflexão e crítica. Mas os críticos são vistos como os maus da fita. Políticos dos vários setores incorporaram, facilmente, palavras promissoras como

criatividade, pensamento divergente, empreendedorismo, inovação... Mas são, tantas vezes, os primeiros a temer e/ou a criticar os críticos.

A cultura do “Homo Scholaris” apregoa a inovação (o “empreendedorismo”) mas tem medo dela. O “Homo Scholaris” gosta de turmas, de rebanhos, do pensamento único, uma ideia que atravessa toda a obra, como, também, a crítica às praxes e à constituição de turmas onde desconstrói o mito da idade para demonstrar que é pela troca, neste caso intergeracional, que avançamos e aprendemos. Na página 78, Luís Souta, “apesar” de utilizador de *macintosh* branco, ao desdenhar o uso dos *power points*, usados avidamente pela maioria dos/as professores/as, invoca a racionalidade de ser contra todos os rebanhos ideo/tecno/lógicos.

É que Luís Souta, ou o professor S., ou o pedagogo social Luís Souta, ou o antropólogo da educação Luís Souta, acredita no “poder da maêutica, assente no diálogo e no questionamento constante dos estudantes” (p. 78). Mas o “Homo Scholaris” não gosta que as ovelhas se afastem. Teme que essas vejam a ilha, pois sem sair dela não é possível vê-la (parafraseando o nosso prémio Nobel José Saramago), e temem que digam coisas da ilha diferentes da autoimagem dos seus caciques.

Luís Souta criou, sonhou, implementou mudanças, colheu sucessos e alguns insucessos, como todos nós, e encontrou na escrita “a minha estratégia de resistência face a um contexto laboral relativamente adverso, e seguir em frente”. Estou contigo, Luís. Nada fácil, mas uma via para fugir ao monismo, às burocracias do “mais do mesmo” e à métrica da redundância académica espelhada nos documentos para a A3ES ou para o RADD (Regulamento de Avaliação do Desempenho Docente).

A crítica à confusão entre politécnicos e universidades é assumida frontalmente, como, de resto, deveria ser percebida por professores/as, jornalistas, estudantes e seus familiares. Em Portugal, o ensino superior

tem dois subsistemas de ensino e um deles não é universitário. É politécnico! Esta é que é a verdade que urge compreender nas suas múltiplas dimensões:

Para vocês é o primeiro dia no ensino superior. Não na faculdade, como muitos dos vossos colegas teimam em apelidá-la; tal como os vossos pais, quando informam orgulhosos, vizinhos e amigos, que o/a filho/a “entrou na universidade!” (...). Clarifiquemos: esta não é uma faculdade, é uma Escola que faz parte do ensino superior politécnico público. (Souta, 2019, p. 22)

As tipologias que o Prof. S. cria em volta da observação da relação aluno/a-professor/a são brutais porque bem reais e metafóricas: Afrontar, Aproximar, Apomadar e Apartar. Vejamos a explicação da 4.^a fase, Apartar:

Esta fase 4 – Apartar, inicia-se após a conclusão da UC. Depois do lançamento das notas, o estudante, que passou com classificação baixa, entra rapidamente neste processo de afastamento que se vai acentuando até ao “desconhecimento”; ou seja, quando o docente se cruza com ele, nos corredores da escola, já nem se digna cumprimentá-lo (está seguro que ele não voltará a leccionar mais nenhuma UC do plano de estudos). O bom aluno escapa, com mais frequência, a esta etapa. (p. 27)

A biblioteca desabitada é um bom título, sintético e um bom resumo do que se passa hoje em dia com a escassez de leitura de livros integrais. Claro que há jovens e jovens. O meu filho, de 23 anos (Luís Souta também fala dos seus. Tinha falado da filha Constança, com 4 anos, no seu livro *Multiculturalidade e Educação* em 1997, que anos mais tarde voou para os EUA onde Souta viajou, viveu com a filha, genro e neta, e escreveu a partir da reflexão nas montanhas de Bend, Estado de Oregon) que estudou gestão, leu metade do livro do Prof. S., na véspera do seu lançamento. Finda a leitura disse: “Pai, eu gosto é destas áreas. Isto dá para pensar. Agora Contabilidade, Estatística.... Eu não penso nada. Faço. E ainda por

cima no final da página está logo a solução e eu, assim, não chego a errar antes de acertar” (dantes as soluções estavam no fim...).

Creio que, hoje, a maioria dos/as estudantes fica enfiada com tanta bibliografia refinadamente selecionada e preferem os *downloads* (ou não). Os *power points* (ou não). Por seu lado, a A3ES é capaz de dizer que uns 3 livros são do século passado (séc. XX) e, portanto, pouco atualizados. Métrica. Quantitofrenia do “Homo Academicus” de Bourdieu, ou do “Homo Scholaris” de Luís Souta.

É que os/as estudantes têm pressa. Um professor e amigo universitário, já falecido, dizia-me, no ano passado, “Eu agora já não dou textos. Só coloco no *moodle* os *power points*. Os estudantes só querem os *power points*...”.

Claro que esta aparente facilidade gera fragilidade. Origina um pensamento fragmentado, uma diminuição do vocabulário, do domínio da construção frásica, etc. O/a Estudante passa a ver, mas não a ler (Sartori, 2000). Os/as estudantes contentam-se com a espuma, escreve Luís Souta: “Não chegam a degustar a essência do produto. Nunca ali estão de corpo-e-alma. São seres em trânsito. O *Smartphone* é o distractivo permanente que os empurra para nenhures” (p. 53).

Os/as estudantes não gostam de estudar. Será abusiva esta afirmação?

Na “educação para os media, a 1.^a lição seria ensiná-los a apagar o televisor” (p. 65), aquele que a Constança já sabia acender e apagar em 1997, coisa que para a sua ama era literacia muito avançada.

Luís Souta fala, assim, também, da vitória da poligamia tecnológica e do interesse dos jovens entre 3 amores: o telemóvel, a televisão e o *tablet* (p. 67).

Na cultura académica lusa não se está. Transita-se, afirma o autor. “Chega-se tarde e sai-se cedo. Não se ‘aquece o lugar’. A escola é, cada vez mais, um ‘não lugar’. Andam todos fora do tempo certo” (p. 99).

Como é que se pode ser mais competente com menos conhecimentos (p. 151) é a interrogação que o Prof. S.

faz no âmbito da crítica expressa ao processo de Bolonha, que veio reforçar a pressa e a urgência. A urgência dos números e da entrada no mercado de trabalho, mesmo que pouco sabendo.

Do CTeSP (curso técnico superior profissional) ao doutoramento, título de uma das crónicas, é a narrativa que mais explicita a crítica ao ensino politécnico e às suas transições mais recentes. Luís Souta fala das estratégias da mudança do nome para fugir ao estigma do “politécnico”, mas, finalmente, e em modo mais contemporâneo, o que observamos é que o que caiu, afinal, não foi a palavra politécnico, mas sim a palavra instituto. No meu Instituto há um despacho que obriga (poderá obrigar?) a usarmos o nome de politécnico de “HTMN”, um nome mais próximo da criação do Professor Veiga Simão; dos cursos de curta duração ao invés do desenvolvimento legítimo (mas com provas dadas; não por decreto) para a Universidade que pode, naturalmente, conter todos os cursos, dos mais curtos aos mais longos, dos mais práticos aos mais teóricos... Falta compreender esta estratégia que parece ter-se alargado ao CCISP (ou do CCISP para os IP). Qual a estratégia coletiva? (Universidade Politécnica...?) E será este caminho, de substantivar o que é um adjetivo, o melhor caminho? E quem paga toda esta alteração da simbologia de legalidade duvidosa?

Luís Souta refere que “deste modo, livram-se de vez, dessa excludente designação [Politécnico] que tem, segundo eles, limitado o crescimento e a concorrência, em pé de igualdade, com o outro subsector do ensino superior” (p. 155). Não foi, finalmente, o que aconteceu. Não optaram pelo que era expectável. Transformaram o adjetivo politécnico (de Instituto Politécnico) em substantivo: Politécnico de “HTMN” ou de “XPTO”. Melhor seria, cremos, que assumissem o conceito de Instituto, “*tout court*”, com reivindicação da queda de politécnico para universitário. Manda quem pode.

Entretanto, para nós, para quem quer ser um professor do Ensino Politécnico devidamente conhecido e

respeitado, é publicar ou perecer. Para o senso comum estamos sempre de férias. A minha cabeleireira pergunta-me sempre se “Hoje não tem aulas?” “Mas o feriado é só na Marinha Grande ou também apanha Leiria?” Já experimentei de tudo, mas a mudança é mesmo como o breu. Ninguém quer penetrar o breu, a escuridão do desconhecido para operar mudanças: “Eu estou sempre de férias”, passei a responder. Claro que também fazemos investigação. Às vezes acrescento: “a maior parte do meu trabalho é feito em casa” (ou noutras paragens, nacionais, internacionais, como em congressos, seminários, encontros científicos, como foi o caso da apresentação deste livro fantástico, em Lisboa, que, uma vez mais, Luís Souta nos oferece). Entretanto, creio que estou quase a atingir a fase do Luís Souta que decidiu abandonar a “liturgia conferencista”, quando diz: “A congressos, casamentos e baptizados não vás se não fores convidado” (p. 191). Muito obrigado, Luís, pelo livro, pelos desafios que nele nos deixas, pelo convite e pelos muitos diálogos que espero continuemos a ter.

Por favor leiam o livro de Luís Souta (os livros) e dialoguem com ele(s).

Leiria, 19 de junho de 2020, rigorosamente 1 ano após a apresentação, por dificuldades em encontrar um tempinho para passar as ideias da oralidade à escrita.

Referências bibliográficas

- Sartori, Giovanni (2000). *Homo videns: Televisão e pós-pensamento*. Terramar.
- Souta, Luís (1997). *Multiculturalidade e educação*. Profedições.
- Souta, Luís (2019). *Pedagogia S*. Edições ex-Libris.